

Boas perspectivas de investimento

Altos índices de renda e crescimento atraem empresas de todos os ramos

por Beth Cataldo
de Brasília

Os interessados em abrir uma fábrica de macarrão ou de biscoitos no Distrito Federal podem procurar recursos com o superintendente do Banco do Brasil na região, Manoel Pinto de Souza Júnior, no décimo sexto andar da agência central da instituição na capital federal. Se a preferência for por uma fábrica de vinagre, é muito provável que os responsáveis por esses investimentos sejam alvo de uma disputa acirrada entre Goiânia e Brasília, com direito ao envolvimento de secretários de esta-

do e empresários locais. Tudo pela primazia de sediar a nova fábrica.

Com uma população próxima a 2 milhões de habitantes, o Distrito Federal é um mercado onde "está tudo por fazer", como diz o superintendente do Banco do Brasil. Ou ainda o lugar onde "tudo dá certo", como define o diretor-superintendente da Encol, Marcus Vinícius Souza Viana. "Temos uma demanda forte em todos os níveis de renda", completa o secretário da Indústria e Comércio do governo local, Adonias dos Reis Santiago. Enfim, a comunidade que se fixou em torno da capital federal apre-

senta hoje, segundo um diagnóstico consensual, o ambiente ideal para quem deseja expandir ou iniciar os seus negócios.

Os habitantes ostentam índices de renda "per capita" próximos aos padrões do Primeiro Mundo e muito superiores à média nacional. Em 1990, último dado das estatísticas oficiais, o PIB "per capita" no Distrito Federal era da ordem de US\$ 3.868, enquanto a média nacional não superava US\$ 2.756.

Os indicadores de 1990 significam, para Brasília, o coroamento de uma década de expressivo avanço econômico, ao contrário do restante do País, que amargou nos anos 80 a chamada "década perdida". O diretor regional do Carrefour, Péricles

Simões, acrescenta que a classe considerada "B" de Brasília tem um padrão de renda, em termos médios, superior à classe "A" de São Paulo.

Foram dados como esses que animaram o Carrefour a instalar em Brasília o seu quinto escritório regional em todo o País e a inaugurar o seu segundo hipermercado na cidade, com investimentos da ordem de US\$ 15 milhões. Ou que estimularam a Encol a apostar no potencial do mercado que a projetou na liderança do "ranking" nacional. Desde 1988, a empresa lançou na capital dez novos centros empresariais e que representam 350 mil metros quadrados de área disponível para o comércio.

O que o futuro reserva para os investimentos na

capital federal adquire perfis variados, de acordo com os interlocutores consultados. O traço comum é o entusiasmo com as perspectivas de uma economia que não guarda apenas significado local mas também relaciona-se com a vitalidade da região Centro-oeste. Manoel Pinto de Souza Júnior, do BB, aponta a agroindústria como a grande vocação do Distrito Federal.

A estratégia com que trabalha o banco é a de contemplar de forma integrada o ciclo de produção agrícola e de industrialização de alimentos. As áreas de plantio de milho e soja, por exemplo, estão sendo estimuladas a abrigar também pólos de avicultura e suinocultura. O objetivo é chegar, nessas áreas, à instalação de pelo menos um frigorífico de embutidos no DF, assim como tenta-se viabilizar uma prosaica fábrica de macarrão e biscoitos que possa baratear os custos ainda elevados da alimentação na região.

Tradicionalmente forte numa cidade que nasceu como um imenso canteiro de obras, o setor da construção civil reserva os melhores negócios na oferta de residências para a classe média nas cidades-satélites e nas novas áreas que devem ser abertas nas proximidades do Plano Piloto, como o setor noroeste. A expectativa das lideranças é de que o segmento das obras públicas apresente uma desaceleração na construção do metrô, compensada, entretanto, com a intensificação dos gastos com infra-estrutura e equipamentos urbanos.

O diagnóstico de que Brasília é uma cidade vocacionada para a área de serviços corresponde a uma forte expectativa do setor hoteleiro de que a capital viva nos próximos anos um "boom" no turismo. O presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares, César Gonçalves, argumenta que as taxas médias de ocupação nos hotéis da cidade ainda são baixas, da ordem de 45%, mas tendem a se elevar consideravelmente nos próximos anos.